



ABRINDO ESPAÇOS PARA ATIVIDADE CRIADORA DAS CRIANÇAS: O ATELIÊ DE HISTÓRIA COLETIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bruna Eduarda Oliveira da Silva¹

Ana Luiza Bustamante Smolka²

Eixo temático: 6 - Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: Este trabalho pretende compartilhar algumas reflexões e apontamentos acerca da pesquisa realizada em uma instituição pública de ensino, em Campinas, interior do estado de São Paulo. Tendo como público-alvo, crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, a pesquisa relaciona o trabalho coletivo e a alfabetização, através de uma proposta elaborada com base na metodologia de Célestin Freinet e na perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski, denominada ateliê de história coletiva, na qual, as crianças participantes mobilizam a imaginação, criação, a escrita e o diálogo para a construção de uma narrativa formada do emaranhado de ideia, com começo, meio e fim. Ao longo dos ateliês foram produzidas várias histórias que compuseram uma coletânea, além de impulsionarem questionamentos e reflexões acerca das relações estabelecidas entre as crianças e das crianças com a escrita e leitura. O ateliê de história coletiva evidencia uma proposta pedagógica potente, permite o contato entre as crianças e constrói um elo entre a imaginação, a leitura e a escrita.

Palavras-chaves: História Coletiva; Imaginação; Leitura e escrita; Freinet; Perspectiva; histórico-cultural.

Introdução

¹Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Informar última titulação. Projeto PIBIC. Contato: brunaeosilva@gmail.com

²Professora Livre Docente, Faculdade de Educação, Unicamp. Vínculo Institucional. Contato: asmolka@unicamp.br.

O presente trabalho compartilha algumas reflexões feitas durante e após o ateliê de história coletiva, realizado através de uma pesquisa de iniciação científica, em uma escola pública localizada na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo, com crianças do 2º ano do ensino fundamental, composta por 30 crianças e uma professora. Estas são crianças que tiveram um percurso diferente do habitual: seu último ano da educação infantil, em 2020, se deu durante o pico da pandemia de COVID-19. A mudança do infantil para o fundamental, no ano seguinte, ocorreu ainda através do ensino remoto e parcialmente híbrido, a partir do segundo semestre de 2021. Finalmente em 2022, retornaram de forma presencial para a escola. São 30 crianças e uma professora, construindo relações entre si, e estabelecendo uma relação com a escola, se adaptando e compreendendo a dinâmica da rotina escolar. Tanto a parceria com a escola quanto o encontro com Freinet, são possíveis graças ao Programa de Residência Pedagógica³, entre 2020 e 2021, em meio ao ensino remoto por conta da pandemia de COVID-19. Enquanto estudante, professora em formação, adentro uma escola com um trabalho pedagógico e uma prática docente ancoradas nos princípios e instrumentos de Célestin Freinet.

Célestin Freinet, ao retornar da Primeira Guerra Mundial em 1920, começa a lecionar em uma escola do vilarejo, após o dia a dia em sala de aula passa a refletir sobre a escola e a relação dos estudantes com a escola, como nos intervalos existe vida e na sala de aula tudo parecia diferente, e junto à comunidade escolar constrói uma metodologia ancorada em quatro princípios: autonomia; livre expressão; trabalho; cooperação, que são incorporados aos seus instrumentos pedagógicos, que são, plano de trabalho, texto livre, aula-passeio, jornal de parede, roda de conversa, livro da vida, correspondência, ateliê e entre outros. Quando lemos Freinet, nos inspiramos em uma escola que dialoga com seus estudantes, com sua realidade e experiências. Carregando para o ateliê de história coletiva seus princípios, para que a proposta possa ser um momento de diálogo e interação entre as crianças, produzimos histórias, mas também abrimos espaço para que as crianças falassem sobre elas, sobre o que gostam de fazer, suas famílias, amigos, e etc, conversando com suas experiências de vida, vivenciando uma proposta de escrita com sentido. (FREINET, 1996)

O Ateliê de História Coletiva

O projeto elaborado e desenvolvido pelas residentes⁴, no Programa da Residência

³ Residência Pedagógica é um programa financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que permite a parceria entre os cursos de licenciatura com a rede básica de ensino, com a finalidade de fomentar projetos institucionais, contribuindo para a formação inicial de professores.

⁴ Apelido para as estudantes que faziam parte do Programa de Residência Pedagógica.

Pedagógica, denominado *Semana de Ateliês*⁵, possibilitou o primeiro contato com a proposta de história coletiva, atividade feita no e pelo coletivo de crianças, com a orientação das professoras, uma dinâmica que interligava os princípios de Freinet. As crianças que participaram, no ano de 2021, da proposta por via remota, estavam no 2º, 3º, 4º e 5º ano, conheciam a dinâmica do trabalho presencial e já estavam acostumadas a construir uma história do zero a partir das próprias ideias, dialogando, concordando e discordando, exercitando a autonomia e articulando imaginação, escrita e leitura.

Em 2022, retorno à escola como pesquisadora iniciante, com o objetivo de investigar as repercussões deste ateliê, agora no formato presencial, na produção das crianças. O intuito era acompanhar e refletir sobre os efeitos desta dinâmica na turma, seus impactos tanto em suas relações como grupo como suas relações com a escrita e a leitura. A professora do 2º ano acolheu a proposta e a pesquisadora e as duas organizaram conjuntamente as formas de realização dos ateliês.

Os ateliês de história coletiva aconteceram fora da sala de aula, explorando os espaços da escola, como o pátio, arquibancada da quadra ou na biblioteca, geralmente com até 10 vagas disponíveis. A proposta apresentava em dois momentos: no primeiro, as crianças escolhiam um livro dentre os disponíveis para a leitura em grupo, com intuito de estimular a leitura e o contato com os livros. A história provocava reflexão e dialogava com as experiências das crianças, enriquecendo a discussão entre os colegas construindo um espaço de troca em que as crianças se sentiam à vontade para partilhar o que quisessem - ao compartilharem algo da vida, as crianças diziam ao outro algo de si mesmas.

Durante a leitura, somos convidados para uma viagem, ao conhecer novas histórias, novos personagens e enredos se expandem as possibilidades para a produção da história coletiva, não no sentido de cópia ou reprodução, mas pensando na atividade que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, ou seja, o exercício da atividade criadora ou combinatória, pensando na reelaboração de elementos da experiência anterior que resulta em novas situações e novos comportamentos. Neste exercício a fantasia e a imaginação são mobilizadas.

O momento de literatura é construído com e pelas crianças, que podem sugerir novas leituras ou referir a textos já conhecidos, o que nos leva ao conceito discutido por Vigotski (2009) da imaginação como atividade criadora, e no caso, a imaginação coletiva. Quando as crianças elaboram os cenários, os personagens e o enredo trazem consigo elementos conhecidos por suas experiências anteriores, mas combinados com outros elementos

⁵ Proposta repleta de atividades, elaborada entre as residentes e as professoras, ofertadas para as crianças da escola.

representando algo novo (VIGOTSKI, 2009). Realizado no coletivo, este exercício possibilita acompanhar uma ideia saltando junta a outra, evidenciando a potencialidade dessa atividade que se expressa ateliê após ateliê, em cada grupo, com suas personalidades e características.

O segundo momento, é designado a elaboração da história. Começamos pela explicação da proposta, reforçando que a história deve conter a ideia de todos os participantes, todas serão autoras, e é feito o convite para alguém ser escriba do ateliê. A maioria das crianças são contadoras de histórias, conseguem inventar diversas narrativas. O desafio que acompanha essa proposta é a produção coletiva. Vamos aos poucos trazendo algumas questões, perguntando sobre o que vai ser a história, se terá personagens e quais, um exercício para encontrar o tema fantástico, uma inspiração para a história, "(...) não basta um pólo elétrico para provoca uma faísca, são precisos dois. Uma única palavra "age" (...) apenas quando encontra uma outra que provoca, que obriga a sair do seu cotidiano binário e se redescobrir em novos significados", nos diz Rodari (1982), ao partilhar sobre uma dentre as muitas possibilidades de se dar início a uma narrativa.

As crianças precisam dialogar entre si, concordando e discordando para enfim chegarem em um acordo, compondo o texto ideia após ideia, dando vida à história. Enquanto as ideias para a história vão surgindo, se entrelaçando, o escriba tem a tarefa de registrar o que vai sendo dito, trabalhando com a imaginação junto à leitura e escrita. As crianças estão em processo de alfabetização e estabelecer uma relação com a leitura e a escrita é fundamental para este processo. Este trabalho se baseia na concepção de alfabetização como um processo discursivo, defende-se o espaço de elaboração da criança pelo discurso, não reduzindo o processo de aquisição da escrita ao decorar fonemas e grafemas, copiar e repetir. (SMOLKA, 2012)

Após finalizar as histórias, escolhia-se o título, e partíamos para a composição e montagem do livro em papel. Na sala de aula, as crianças trabalharam nos grupos de autoria das histórias e iniciaram as ilustrações, tornando-se autoras e ilustradoras de suas obras. Esta turma gostava muito de desenhar o que tornou esse projeto de grande relevância para elas, que se auto organizavam, dividindo quais partes gostariam de ilustrar, passeavam pela sala observando os trabalhos dos outros grupos e compartilhavam os seus, contando sobre suas histórias: "essa parte aqui era para ser engraçada, gostou?".

Apontamentos e Reflexões sobre a Produção de uma História

Dentre as histórias elaboradas, uma é aqui compartilhada: a história de título "Os irmãos reis do bafão". Esta narrativa nos convida a conhecer a história de um grupo de amigos, os reis do bafão, brincadeira presente no dia a dia das crianças que "batem" as

figurinhas da copa, entre outros personagens, algo que elas amam fazer, e incluem na história elas mesmas como personagens. Aquilo que é conhecido por elas se torna material da atividade criadora, que ao ser reelaborada e combinada com outros elementos, nos leva para a vida de cinco irmãos que são os campeões mundiais de bafão, e ao retornarem do campeonato para sua mansão, encontram um boi no quintal. Este elemento foi algo inesperado (para a pesquisadora), mas se integra à história. No primeiro momento, o boi é visto como uma ameaça e a solução encontrada pelo grupo é chamá-lo como personagem para uma disputa de bafão. A dinâmica dos personagens na história nos mostra como as relações se estabelecem entre as crianças e como a brincadeira de “bater” cartas aparece também como uma forma de resolver seus conflitos.

Esta história teve como escriba um integrante do grupo, algo que infelizmente não aconteceu com muita frequência nos ateliês. As crianças se sentiam inseguras, por mais que se incentivasse a que ocupassem o lugar de escribas; alegavam que não sabiam escrever ou que não sabiam escrever corretamente, mostrando as marcas do processo de aquisição da leitura e da escrita.

Quando um dos meninos diz “eu quero ser o escriba!” isso gera uma alegria imediata. Essa ação envolve diretamente a autonomia das crianças na produção do texto. Agora o escriba sinaliza que estão falando muito rápido, que não entendeu; as crianças reelaboram a fala, reorganizam as ideias. Essa ação potencializa a interlocução e dinamiza o discurso, nos mostra as elaborações que o escriba está fazendo sobre a escrita.

A vivência nesses ateliês de história coletiva nos levou a refletir sobre as relações de ensino no processo da alfabetização, e na dinâmica das interações entre as crianças, um dos aspectos que constituem o ateliê, visto que escrevemos as ideias que foram debatidas em grupo, produzindo um registro do que foi decidido no coletivo. Compreender esse processo implica em compreender a maneira como se enxerga o outro, neste caso, as crianças e suas elaborações, respeitando-as e as incentivando, como Smolka aponta ao trazer a Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso para o contexto pedagógico, para a alfabetização, “(...) alfabetização implica leitura e escritura como momentos discursivos (...) o próprio processo de aquisição também vai se dando numa sucessão de momentos discursivos, de interlocução, de interação.” (SMOLKA, 2012).

Considerações Finais

Em cada ateliê, junto com as crianças que compuseram cada grupo, embarcamos em uma história diferente. No contexto de cada um deles, foi possível observar as diversas formas de relação entre as crianças: amizade, respeito, companheirismo e disputas; foi possível

acompanhar como elas lidam com os debates, aos poucos se adaptando à dinâmica e, com a mediação da pesquisadora, cooperando umas com as outras, integrando uma ideia a outra, a imaginação tomando conta da produção coletiva. Pelo registro das ideias na construção da história, os movimentos da leitura e da escrita se evidenciaram como necessárias às crianças, permitindo que pudessem discutir, expressar e trocar experiências que ganharam corpo nas histórias coletivas, enquanto se buscava trabalhar os sentidos dos muitos usos da forma escrita de linguagem como relevante para a vida, mais do que mero instrumento. (VIGOTSKI, 1991). Para além do simples uso instrumental, no ateliê de história coletiva, a escrita pode ser vivenciada em suas múltiplas funções e possibilidades: como forma de registro e comunicação das ideias, como forma de realização da imaginação, como atividade criadora, coletivamente trabalhada. Ao escreverem histórias coletivas, que se materializam em um livro físico que irá ocupar a biblioteca da escola junto a outras tantas obras, as crianças, como autoras, abrem mais um espaço de interlocução e convite à leitura e novas criações: outras crianças são convidadas a participarem do diálogo como interlocutores, e são também encorajadas a se tornarem autoras, dinamizando a escrita significativa e intensificando as formas de interação no contexto escolar.

Referências Bibliográficas

- BUSCARIOLO, Ana Flávia Valente Teixeira; LIMA, Cinthia Vieira Brum; ANJOS, Daniela Dias dos. **Pedagogia Freinet e alfabetização: a potencialidade dos instrumentos desta pedagogia para formar crianças e professores**. Revista Internacional de Formação de Professores, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 117-133, set. 2019. ISSN 2447-8288. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1496>
- DIAS, Daniele Pampanini. **O trabalho com literatura no primeiro ano do ensino fundamental: modos de participação das crianças na elaboração do sentido estético**. 2017. 1 recurso online (160 p.) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5080684
- FREINET, C. **Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. 2. ed.-. [s. l.]:Martins Fontes, 2001.
- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo, SP: Summus, [1982]. 162p. (Novas buscas em educação, v. 11).
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. ed.-. [s. l.]: Cortez, 2012.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. SP, Martins Fontes, 1991.
- VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.